

PROJEÇÕES FUNCIONAIS E MODIFICAÇÃO ADJETIVAL: EVIDÊNCIAS DE LÍNGUAS ROMÂNICAS*FUNCTIONAL PROJECTIONS IN ADJECTIVE MODIFICATION: EVIDENCE FROM ROMANCE LANGUAGES**Thais Deschamps¹***RESUMO**

Em muitas línguas em que a classe de palavras de adjetivos pode ser identificada, a modificação atributiva é possível. Para propostas que buscam descrever a sintaxe do sintagma nominal, o comportamento de adjetivos atributivos em línguas românicas impõe desafios particulares, uma vez que adjetivos nessas línguas podem figurar tanto antes como depois do nome-núcleo com diferenças significativas de interpretação. Tomando como base comparativa principal dados de adjetivos em línguas românicas, examino neste artigo três propostas relacionadas à sintaxe de adjetivos atributivos: Cinque (2010), Svenonius (2007, 2008) e Laenzlinger (2005). Argumento que a proposta de Svenonius avança em relação à de Cinque em pontos cruciais, mas ainda se mostra insuficiente para dar conta do comportamento de adjetivos pré-nominais nas línguas românicas. Incorporo a ideia de DP cindido de Laenzlinger à proposta de Svenonius a fim de explicar a interpretação de adjetivos pré-nominais: ao serem mergidos acima do DP interno, esses adjetivos seriam forçados a saturarem seus argumentos em um domínio restrito, o que resultaria na interpretação observada. Ainda, oponho-me à análise de adjetivos pré-nominais como tendo origem em posições mais baixas e movendo-se para projeções de foco/tópico devido a suas diferenças interpretativas e aponto uma possível projeção de foco/tópico acima do numeral.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivo. Sintaxe. Ordem de adjetivos. Línguas românicas. Português.

ABSTRACT

In many languages where an adjective class can be distinguished, attributive modification is possible. For syntactic analyses of the nominal domain, the behavior of attributive adjectives in Romance languages presents particular challenges, as adjectives can appear both before and after the head noun, with significant differences in interpretation. Focusing on data from Romance languages, this study examines three key proposals on the syntax of attributive adjectives: Cinque (2010), Svenonius (2007, 2008), and Laenzlinger (2005). I argue that while Svenonius' proposal improves upon Cinque's in crucial respects, it remains insufficient to fully account for the behavior of prenominal adjectives in Romance languages. To address this, I integrate Laenzlinger's concept of a split DP into Svenonius' framework, suggesting that prenominal adjectives, by merging above the internal DP, are constrained to saturate their arguments within a restricted domain. Additionally, I challenge the analysis that prenominal adjectives originate in lower syntactic positions and then move to focus/topic projections, based on their interpretive contrasts, and propose a potential focus/topic projection above the numeral.

KEYWORDS: Adjective. Syntax. Adjective ordering. Romance languages. Portuguese.

1. Introdução

Em línguas românicas, adjetivos em modificação adnominal podem figurar tanto antes como depois do nome-núcleo. Tomemos por exemplo o português:

¹ Universidade de Ciéncia e Engenharia de Sichuan (SUSE), Zigong, China, thaisluisa@suse.edu.cn, <https://orcid.org/0000-0001-9066-9792>.

- (1) a. uma **bonita** paisagem (Português)
 b. uma paisagem **bonita**

A posição não marcada para adjetivos é a pós-nominal: tanto adjetivos descriptivos quanto avaliativos/qualificativos, tanto adjetivos absolutos quanto de grau, são aceitos nesta posição². Em contrapartida, há alguns tipos de adjetivos que figuram exclusiva ou preferencialmente na anteposição; assim, ela é considerada marcada apenas para aqueles que podem ser linearizados tanto antes como depois do nome-núcleo.

Em posição pré-nominal, podemos encontrar adjetivos que realizam algum tipo de quantificação (2) (conforme argumentado por Nunes-Pemberton, 2000); os chamados dêiticos, intensionais ou temporais (3); adjetivos que apresentam contrastes de interpretação entre as duas posições (4); e adjetivos avaliativos (5), para os quais a posposição é, em princípio, default.

- (2) a. de **nombreux** accidents (Francês)
 numerosos acidentes
 (Laezlinger, 2005, p. 667)
- b. **diversos** acidentes (Português)
- c. **determinadas** pessoas
- d. **diferentes** alunos
- (3) a. les **présents** directeurs (Francês)
 os presentes diretores
sig.: ‘as pessoas que são diretores atualmente’
 (Bouchard, 2002, p. 78)
- b. o **próximo** presidente (Português)
- c. el **possible** asesino (Espanhol)
 o possível assassino
 (Demonte, 2008, p. 76)
- d. un **largo** viaje
 um longo viagem
 (Demonte, 2008, p. 79)

² Uma apresentação sobre a terminologia técnica referente a adjetivos pode ser encontrada em Foltran, de Conto e Deschamps (2020).

- (4) a'. um **pobre** homem (Português)
sig.: ‘um coitado’
- a''. um homem **pobre**
sig.: ‘um homem sem dinheiro’
- b'. un **grand** homme (Francês)
 um grande homem
sig.: ‘um homem de grandes feitos/respeitável’
- b''. un homme **grand**
 um homem grande
sig.: ‘um homem alto/corpulento’
 (Laezlinger, 2005, p. 656)
- c'. un **simplu** exercițiul (Romeno)
 um simples exercício
sig.: ‘um mero exercício’
- c''. un exercițiul **simplu**
 um exercício simples
sig.: ‘um exercício simples, não complexo’
 (Cornilescu; Nicolae, 2011, p. 6)
- d'. una **atractiva** bailarina (Espanhol)
 uma atraente bailarina
sig.: ‘uma bailarina que dança de forma atraente’
- d''. una bailarina **atractiva**
 uma bailarina atraente
sig.: ‘uma bailarina que é uma pessoa atraente’
 (Demonte, 2008, p. 73)
- (5) a. de **superbes** créatures (Francês)
 incríveis criaturas
 (Laezlinger, 2005, p. 667)
- b. uma **linda** menina (Português)
- c. los **blancos** palacios (Espanhol)
 os brancos palácios
 (Demonte, 2008, p. 76)
- d. un **celebru** actor (Romeno)
 um célebre ator
 (Cornilescu; Nicolae, 2011, p. 10)

Apesar da possibilidade da maioria desses itens ocorrerem tanto na ante quanto na posposição, a literatura já há muito aponta para contrastes de interpretação de acordo com a posição ocupada (para o português, por exemplo: Boff, 1991; Borges Neto, 1991; Menuzzi, 1992), ainda que nem todos os adjetivos apresentem mudanças de leitura tão claras quanto aqueles em (4). Cinque (2010), tendo como língua principal de estudo o italiano, apresenta os seguintes contrastes de leitura entre a posição pré-nominal e a pós-nominal nas línguas românicas:

Quadro 1: Leituras dos adjetivos em línguas românicas

posição pré-nominal	posição pós-nominal
leitura <i>individual-level</i>	leitura <i>stage-level</i> ou <i>individual-level</i>
leitura não restritiva	leitura restritiva ou não restritiva
leitura modal	leitura de oração relativa implícita ou modal
leitura não intersectiva	leitura intersectiva ou não intersectiva
leitura absoluta	leitura relativa ou absoluta
leitura absoluta de superlativos	leitura comparativa ou absoluta de superlativos
leitura indutora de especificidade	leitura indutora ou não de especificidade
leitura avaliativa de “desconhecido”	leitura avaliativa ou epistêmica de “desconhecido”
leitura dependente do NP de “diferente”	leitura “dependente do NP” ou anafórica no discurso de “diferente”

Fonte: Cinque (2010, p. 17, tabela 2.2).

Como podemos observar no quadro 1, a posposição em princípio permitiria todas as leituras, ao passo que a anteposição exibiria possibilidades mais restritas; apesar de certos itens lexicais terem desenvolvido interpretações especializadas em cada posição (cf. (4)), essas ainda compartilhariam as mesmas propriedades de leitura de outros adjetivos antepostos.

Essa assimetria em línguas românicas tem sido objeto de muitos trabalhos. Na perspectiva da gramática gerativo-transformacional e do quadro teórico de princípios e parâmetros, autores têm buscado explicar sua origem na própria configuração do sintagma determinante (doravante DP): adjetivos pré e pós-nominais ocupariam diferentes posições sintáticas, que convergiriam em linearizações distintas. Na esteira desses trabalhos, assumo a perspectiva de que a linearização é informada por relações estruturais sintáticas (cf. Kayne, 1994; *contra* Abels; Neeleman, 2012; Bouchard, 2002).

Dois trabalhos relevantes nesta orientação analítica são a pesquisa de longa data de Cinque, materializada principalmente no livro *The syntax of adjectives: a comparative study* (2010), e os estudos de Svenonius (2007, 2008); essas duas propostas serão apresentadas em mais detalhes nas seções 2 e 3. Ambos os autores adotam uma análise de viés cartográfico, propondo a existência de diferentes posições sintáticas para adjetivos de acordo com seu posicionamento sintático e sua interpretação. Onde eles diferem é em relação à natureza destas projeções e à sua quantidade: enquanto Cinque assume categorias nacionais (talvez, apenas para fins de generalizações empíricas),

Svenonius busca fundamentar as projeções que hospedariam adjetivos em evidência independente, nomeadamente, no comportamento sintático e semântico de classificadores.

Argumentarei que as propostas de Cinque (2010) e Svenonius (2007, 2008) são insuficientes tal qual postas para dar conta do comportamento de adjetivos pré-nominais em línguas românicas. Defenderei o seu enriquecimento a partir da hipótese de DP cindido de Laenzlinger (2005) que, à moda da *VP-Shell* de Larson, propõe duas posições para determinantes: adjetivos pós-nominais seriam dominados pelo primeiro determinante, em um domínio relacionado à modificação, enquanto adjetivos pré-nominais estariam em projeções mais altas, apenas sob o segundo determinante, em um domínio relacionado à quantificação e a aspectos discursivos. Sustentarei que essa estrutura é capaz de explicar não apenas os contrastes de interpretação observados por Cinque como também as propriedades discursivas de adjetivos pré-nominais.

Para desenvolver essa argumentação, na seção 2 apresentarei, em linhas gerais, a proposta de Cinque (2010), e na seção 3, a de Svenonius (2007, 2008), destacando as contribuições e os limites de ambas. Na seção 4, discutirei a proposta de DP cindido de Laenzlinger (2005). Na seção 5, examinarei a possibilidade de compatibilizá-la com o trabalho de Svenonius e com outros estudos que propõem algum tipo de cisão do DP, além do uso/atualização dela feitos por Cornilescu e Nicolae (2011, 2016), a fim de apontar de que forma essa configuração pode nos ajudar a compreender as propriedades de adjetivos pré-nominais nas línguas românicas.

2. Hierarquia fina de Cinque

Em seu livro de 2010, Cinque procura dar conta, além dos dados das línguas românicas já relatados, do fenômeno conhecido como Restrição de Ordenamento de Adjetivos (*Adjective Ordering Restrictions*). Essa restrição descreve o fato de que, em algumas línguas, quando múltiplos adjetivos figuram em posição atributiva, eles devem fazê-lo em uma ordem específica — por vezes, obrigatória; por outras, preferencial. Em inglês, por exemplo, se falada *out of the blue*, apenas (6a) é possível.

- (6) a. a **large green Chinese cup** (Inglês)
 um grande verde chinês xícara
 ‘uma xícara chinesa, verde e grande’
- b. *a **green Chinese large cup**
- c. *a **Chinese large green cup**
- d. *a **large Chinese green cup**

Em materiais didáticos de inglês como língua adicional, é comum a listagem de entre seis a oito categorias de adjetivos em descrições sobre ordem preferencial, como exemplificado em (7) a partir de orientações do *British Council*.

- (7) Opinião Geral > Opinião Específica > Dimensão > Formato > Idade > Cor > Nacionalidade > Material

Trabalhos em linguística, contudo, já argumentaram em favor da necessidade de decompor tais categorias, identificando preferências de ordem mesmo entre adjetivos que, a princípio, fariam parte do mesmo grupo, como ‘dimensão’. Nesse sentido, um estudo bastante conhecido é de Scott (2002), que chega a propor 16 categorias propriamente adjetivais (8).

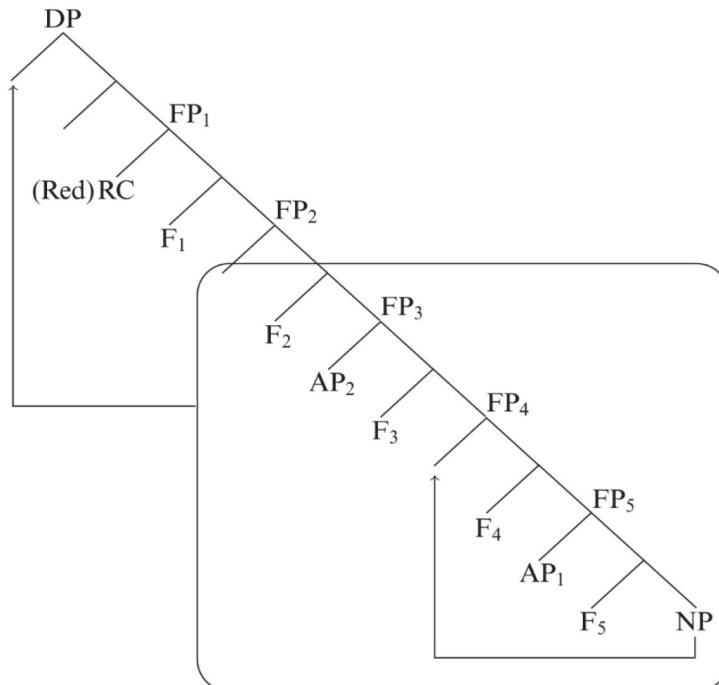
- (8) determinante > numeral ordinal > numeral cardinal > **comentário subjetivo** > **?evidencial** > **tamanho** > **comprimento** > **altura** > **velocidade** > **?profundidade** > **largura** > **peso** > **temperatura** > **?umidade** > **idade** > **formato** > **cor** > **nacionalidade/origem** > **material** > elemento composto > NP
(SCOTT, 2002, p. 114, ex. 47)

Com o objetivo de abarcar tanto tal restrição como a distribuição sintática e leituras correlacionadas de adjetivos em línguas românicas, Cinque mobiliza a distinção originalmente elaborada por Sproat e Shih (1991) entre modificação direta e modificação indireta. Na proposta desses autores, adjetivos em modificação direta estariam em uma posição de especificador na projeção estendida do N, podendo atribuir seu papel temático a ele diretamente; com adjetivos em modificação indireta, por outro lado, tal atribuição se daria a algum outro elemento, relacionado ao nome-núcleo por coindexação (como, por exemplo, em uma oração relativa).

Cinque preserva o espírito geral dessa proposta sugerindo que adjetivos em modificação direta seriam especificadores de projeções funcionais acima do nome-núcleo, enquanto aqueles em modificação indireta seriam predicados em orações relativas reduzidas. As interpretações tipicamente identificadas em posição pré-nominal nas línguas românicas teriam relação com a modificação direta, enquanto as leituras não possíveis em anteposição seriam fruto de modificação indireta; a ambiguidade na posposição, portanto, seria derivada da possibilidade de encontrarmos os dois tipos de modificação nessa posição. Por fim, o autor sugere que as restrições de ordenamento seriam um efeito da hierarquia de projeções funcionais acima do sintagma nominal (NP) — assumindo, portanto, que tais restrições também estariam ativas em línguas românicas, para as quais o fenômeno não costuma ser observado nestes termos.

Em termos sintáticos, assim como orações relativas não reduzidas, adjetivos em modificação indireta figurariam em posições mais externas em relação ao nome-núcleo do que aqueles em modificação direta. Dado que a posição pós-nominal nas línguas românicas é ambígua, o que indicaria a presença de adjetivos em modificação direta tanto antes como depois no nome-núcleo, Cinque propõe que haveria na derivação do DP nessas línguas um movimento bola de neve do NP, i.e., ao se mover, o NP carregaria consigo certas projeções (que o dominam ou para as quais se moveu). Esse movimento está ilustrado em (9).

(9)



(Cinque, 2010, p. 37)

Cinque constrói sua argumentação com relação à existência de preferências de ordenamento em línguas românicas a partir de efeitos de ordem nessas línguas com nomes que estabelecem relações temáticas com certos adjetivos. Em (10), por exemplo, não é tipicamente possível inverter a ordem dos adjetivos: aquilo que foi recuperado (10a) ou que foi fabricado (10b) deve aparecer mais próximo ao nome-núcleo.

- (10) a. la ripresa **economica** **americana** (Italiano)
 a recuperação econômica americana

- a'. *la ripresa **americana** **economica**
 a recuperação americana econômica

(Cinque, 2010, p. 74)

- b. a fabricação **automotiva brasileira** (Português)

- b'. *a fabricação **brasileira automotiva**

Notemos, contudo, que as ordens preferenciais descritas em (7) e (8) se referem a uma hierarquia de outra natureza — uma hierarquia, poderíamos dizer, de natureza nocional —, que difere substancialmente do fenômeno que observamos em (10). Mesmo a distinção entre modificação direta e indireta não parece ser suficiente para dar conta desses exemplos, dado que uma paráfrase dos adjetivos mais externos por uma oração relativa não parece ser possível (11) — ou, ao menos, não com o mesmo sentido:

- (11) a. * a recuperação **econômica** que é **americana**
 b. ? a fabricação **automotiva** que é **brasileira**

Além disso, outros dois problemas de ordem empírica e teórica se colocam. Propor que a ordem preferencial atestada em inglês e outras línguas anglo-germânicas fosse produto de uma hierarquia funcional nos levaria à previsão de que ela seria muito menos flexível do que de fato se observa, como descrito em estudos de corpus por Trustwell (2009) para o inglês e por Kotowski (2016) para o alemão. Trustwell argumenta que a única distinção que parece ter relevância estatística é aquela entre modificadores intersectivos (não graduais) e subsectivos (adjetivos de grau/escalares). Ainda que as hierarquias em (7) e (8) incorporem essa distinção, elas não preveem que ela fosse mais robusta que as ordens entre quaisquer outros pares.

Por fim, em termos teóricos, coloca-se o difícil desafio de justificar projeções que, por ora ao menos, baseiam-se puramente no significado dos adjetivos (como ‘temperatura’, ‘cor’, ‘nacionalidade’ etc.). Cinque não traz motivação independente para essas projeções, de modo que sua única função seria derivar as ordens preferenciais — o que nos leva, entretanto, ao problema empírico mencionado no parágrafo anterior. Assim, ainda que a distinção entre modificação direta e indireta traga insights interessantes, não é evidente de que forma podemos relacioná-la às preferências de ordenamento nas línguas que as apresentam.

3. Hierarquia reformulada de Svenonius

Como mencionado na seção anterior, uma das principais críticas feitas à proposta de Cinque (2010) é a falta de motivação independente para as projeções funcionais que hospedariam adjetivos atributivos, somada à realidade empírica de que diversas preferências parecem ser lexicalmente condicionadas (Trustwell, 2009).

Buscando lidar com esses dois desafios, Svenonius (2007, 2008) procura fundamentar projeções funcionais que pudessem hospedar adjetivos atributivos em evidências independentes, a partir de propostas de decomposição do DP elaboradas para dar conta de outros fenômenos. Assumindo a postura minimalista de que projeções funcionais devem ser interpretáveis nas interfaces, o autor observa que há alguns elementos funcionais no DP que, dada sua carga semântica, seriam bons candidatos a núcleos de projeções funcionais acima do nome: marcadores de pluralidade; marcadores de (in)definitude ou especificidade; e classificadores. Seguindo um raciocínio similar ao de Cinque, Svenonius assume que o ordenamento dessas projeções na estrutura subjacente seria responsável pelos padrões robustos de ordem observados nas línguas, com variações deriváveis por movimento.

A partir da análise das possibilidades de ordem e de distribuição entre demonstrativos, artigos, marcadores de pluralidade, numerais e diferentes tipos de classificadores, o autor propõe que a estrutura funcional no DP seja decomposta da seguinte forma:

(12) Dem > Art > Num > UNIT > Ki > SORT > n > N

Svenonius assume que as quatro primeiras projeções não hospedariam adjetivos. Além das projeções de demonstrativos, artigos e numerais, teríamos neste conjunto também a projeção chamada por ele de UNIT, que teria como função tornar referentes contáveis e quantificáveis; nela, estariam os classificadores de número.

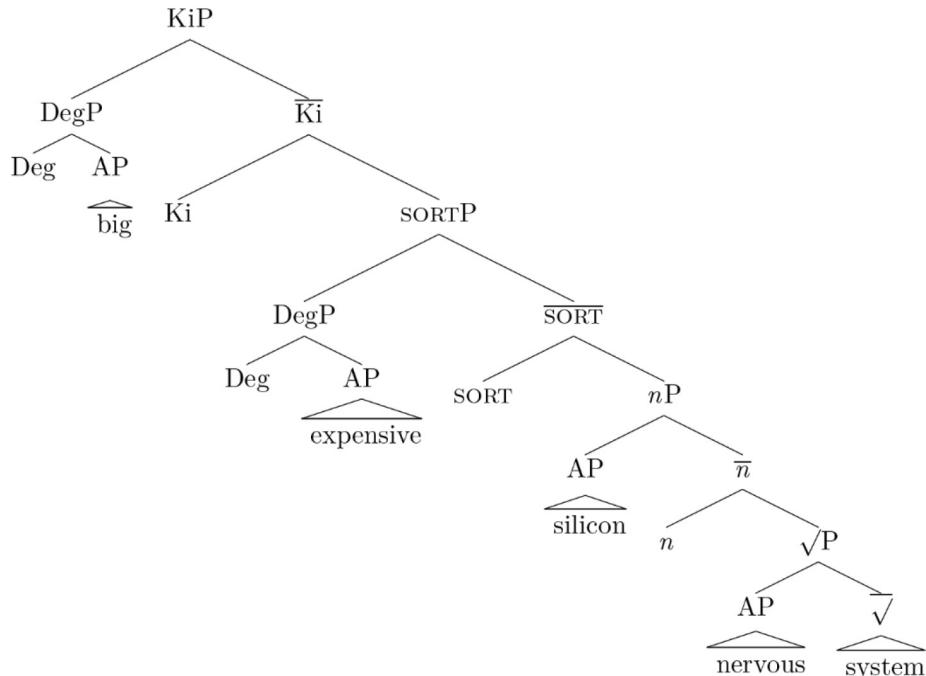
Dentre as projeções em que adjetivos poderiam figurar como modificadores, portanto, teríamos a projeção de *Kind*, que seria responsável pela semântica de *kinds* (segundo a proposta de Zamparelli, 2000); SORTP, que seria responsável por individuar massas, e que hospedaria ou marcas de pluralidade, ou classificadores de categoria (*sortal classifiers*); e nP, na qual estariam classificadores de nomes (*noun classifiers*). Como o autor argumenta, a distribuição de múltiplos classificadores nas línguas em que isso é possível indicaria a presença dessas várias projeções, ainda que, na prática, seja frequente em línguas com classificadores que esses itens lexicalizem mais de uma projeção ao mesmo tempo, i.e., línguas em que classificadores dos três tipos podem coocorrer seriam menos comuns.

Em termos da distribuição de adjetivos, considerando a semântica dos diferentes tipos de classificadores e das projeções propostas, Svenonius propõe que estariam, em KiP, adjetivos focalizados; em SORTP, adjetivos subsectivos (geralmente, adjetivos de grau); e, em nP, adjetivos intersectivos (tipicamente, aqueles sem grau). Apesar de essas serem as posições preferenciais para cada tipo de adjetivo, o autor especula que seria possível (ao menos em algumas línguas) que adjetivos pudessem também ser mergidos em posições não preferenciais caso estivessem em competição com outros itens do mesmo tipo.

Um exemplo dessa estrutura preenchida pode ser conferido em (13a), com a representação estrutural correspondente em (13b). Primeiramente, podemos observar nessa estrutura a presença de um adjetivo com o que Svenonius chama de “leitura idiomática”, mas que é categorizado em outras análises como um adjetivo classificativo: *nervous* ‘nervoso’ em *nervous system* ‘sistema nervoso’. O autor assume, na esteira da morfologia distribuída, que o núcleo funcional *n* seria o nível de idiossincrasias lexicais, de modo que adjetivos combinados abaixo dele apresentariam sentidos não composticionais. O adjetivo de material *silicon* (em português, traduzido pelo PP ‘de silicone’), não graduável, é mergido em nP. Note-se que há dois adjetivos de grau (mergidos como complementos de um sintagma de grau DegP): *big* ‘grande’ e *expensive* ‘caro’. Nesse caso, como *expensive* foi mergido como especificador de SORTP, resta a *big* apenas a posição de especificador de KiP (possivelmente, com algum tipo de mudança relevante de leitura, ainda que Svenonius não discuta esse ponto).

- (13) a. **big** **expensive** **silicon** **nervous** system (Inglês)
- | | | | | |
|--|------|----------|---------|---------|
| grande | caro | silicone | nervoso | sistema |
| ‘um sistema nervoso de silicone caro (e) grande’ | | | | |

b.



(Svenonius, 2008, p. 40, ex. 50)

Essa proposta dá conta das duas principais vulnerabilidade da hipótese de Cinque (2010) delineadas na seção anterior. Em primeiro lugar, todas as projeções funcionais são independentemente motivadas e apresentam uma contribuição semântica clara, presumivelmente legível nas interfaces. Em segundo lugar, essa proposta é capaz de capturar o padrão mais robusto observado, i.e., que adjetivos de grau figuram em uma posição mais externa em relação ao nome núcleo que adjetivos sem grau (Trustwell, 2009).

Por outro lado, a configuração hipotetizada por Svenonius também apresenta certas fragilidades. Chamo a atenção para o fato de que o autor abandona a ideia de que a modificação direta e a indireta ocorreriam em projeções distintas (recordemos que, para Cinque, orações relativas reduzidas seriam especificadores de projeções funcionais mais altas que aquelas dos adjetivos em modificação direta). Svenonius sugere que seria, em princípio, possível que tanto APs/DegPs quanto orações relativas reduzidas ocupassem a posição de especificador das projeções acima delineadas — possibilidade essa que estaria sujeita a variação entre línguas.

Se, por um lado, isso permite uma simplificação da estrutura, por outro, apresenta novos problemas. Se todas as projeções permitem ambas as leituras, então não é evidente como poderíamos explicar a distribuição sintática de adjetivos em línguas românicas, dado que um mesmo adjetivo poderia figurar na anteposição e na posposição (geralmente, com leituras distintas). O adjetivo *grande*, por exemplo, por ser de grau, seria sempre mergido em SORTP, mas em alguns casos seria linearizado à esquerda e, em outros, à direita. Dessa forma, perderíamos a correlação observada entre interpretação e posição sintática subjacente.

Além disso, observo que adjetivos de um mesmo tipo (de acordo com a categorização de Svenonius) podem aparecer no mesmo DP com diferentes leituras (e em diferentes posições):

- (14) o **divertido** novo filme **longo** da Pixar (Português)

A construção acima apresenta três adjetivos de grau, sendo dois deles linearizados à esquerda e um à direita. Não parece razoável assumir que ambos os adjetivos pré-nominais estejam necessariamente focalizados. Além disso — e, talvez, mais crucialmente —, a estrutura informacional (seja especulada uma interpretação de foco ou de tópico) por si só não parece ser suficiente para explicar a leitura de adjetivos em anteposição nas línguas românicas. Por exemplo, por que apenas adjetivos de grau poderiam ser antepostos?

Assim, ainda que a proposta de Svenonius avance em pontos importantes em relação à de Cinque, ela parece ser insuficiente para descrever adequadamente o comportamento de adjetivos, especialmente nas línguas românicas.

4. Cindindo o DP

Após termos examinado as propostas de Cinque e Svenonius nas seções anteriores, gostaria de destacar alguns pontos com relação às configurações sintáticas elencadas pelos autores. Primeiramente, parece-me evidente que as projeções funcionais de base nocional, sugeridas como solução para dar conta das preferências de ordenamento nas línguas anglo-germânicas, não são suficientes para explicar os dados das línguas românicas; além dos pontos já destacados com relação a isso, adiciono a observação de que os tipos de adjetivos observados em posição pré-nominal nas línguas românicas, descritos no começo deste artigo, sequer são propriamente contemplados pelas hierarquias nocionais como aquela em (8).

Mobilizar a distinção entre modificação direta e indireta tampouco é suficiente. Em primeiro lugar, cabe observar que, apesar de Cinque (2010) propor que as possibilidades de leitura na posposição em línguas românicas, reproduzidas no Quadro 1, teriam origem no fato de que, nesta posição, tanto a modificação direta quanto a indireta estariam disponíveis (i.e., cada possibilidade de leitura estaria ligada a um tipo de modificação), na prática observamos que tal ambiguidade também pode ser atestada em posição predicativa:

- (15) A cidade de nascença dela é **desconhecida**. (Português)

Leitura 1: ‘Não se sabe em qual cidade ela nasceu.’

Leitura 2: ‘A cidade em que ela nasceu não é muito famosa.’

Ainda que a sentença em (15) pareça ter a leitura epistêmica como preferencial, note-se que a leitura avaliativa (a leitura 2) não é impossível; de fato, ao procurar sentenças similares na internet, não é difícil encontrar exemplos de leitura avaliativa. O mesmo vale para várias das outras propriedades

descritas no quadro 1. Nesse sentido, a generalização mais interessante que esse quadro nos traz não é tanto a ambiguidade da posposição, mas, sim, as restrições de leitura observadas na anteposição.

Mesmo que assumíssemos que a modificação direta estaria disponível tanto na ante quanto na posposição, um problema se coloca: adjetivos em posição pré-nominal sempre têm um significado algo distinto de suas contrapartes em posição pós-nominal. Essa constatação é consensual na literatura sobre o português, ainda que haja alguma dificuldade em precisar exatamente qual seria a natureza dessa diferença. Boff (1991), por exemplo, especula que algo como um traço [+avaliativo] estaria em jogo — ainda que, como a própria autora aponta, possamos encontrar adjetivos avaliativos também em posição pós-nominal.

Por fim, assumir que a posição pré-nominal seja fruto de movimento (como assumido, por exemplo, por Prim, 2015) tampouco parece ser suficiente, uma vez que há dois importantes aspectos que impõem problemas a essa análise: por que alguns adjetivos pós-nominais poderiam ser movidos, mas outros não; e, novamente, por que tal movimento levaria os adjetivos a terem uma interpretação distinta daquela da posposição e que não reduzível a explicações de natureza informacional (e.g., em termos de semântica de alternativas).

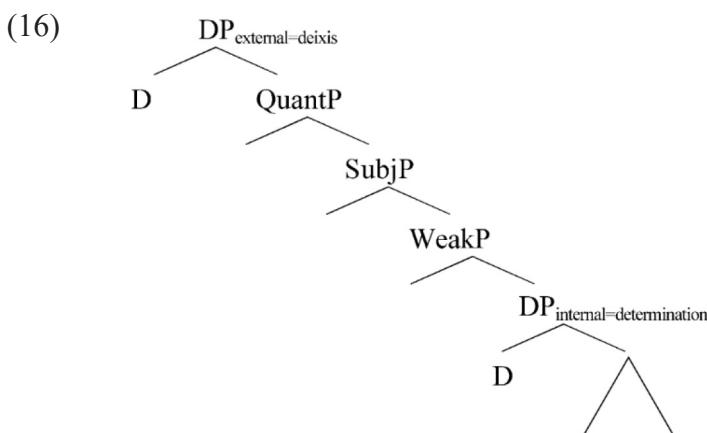
Como alternativa de análise em face desses desafios, entendo que a proposta de Laenzlinger (2005) de um DP cindido nos traga uma contribuição interessante. Ele também defende, assim como Cinque e Svenonius, que adjetivos pré-nominais nas línguas românicas estão hospedados em projeções funcionais específicas; entretanto, ao invés de assumir que a leitura dos adjetivos pré-nominais esteja baseada em sua estrutura subjacente (se um AP ou uma oração relativa reduzida), Laenzlinger propõe que ela advenha do domínio particular em que o adjetivo é mergido dentro do DP, isto é, se sob domínio do determinante interno ou do externo.

4.1. A proposta de Laenzlinger

A proposta de Laenzlinger (2005) em relação à sintaxe de adjetivos atributivos compartilha uma série de assunções em relação às de Cinque (2010) e Svenonius (2007, 2008), tais como as de que adjetivos ocupam a posição de especificador de projeções funcionais específicas; que a ordem observada entre adjetivos seria derivada de uma hierarquia subjacente de projeções funcionais; e que ordens diferentes entre as línguas seriam derivadas por meio de movimento (bola de neve) do NP. Nesse sentido, as mesmas ressalvas apresentadas anteriormente a alguns desses pontos (ao menos na forma como foram implementados) permanecem, e não as retomarei neste momento.

Meu interesse neste trabalho reside na proposta de que haveria, no domínio nominal, duas projeções funcionais de determinante, chamadas por Laenzlinger de DP de dêixis (ou DP externo) e DP de determinação (ou DP interno). O DP externo, superior, seria o domínio em que se daria a interpretação pragmática e a expressão de referencialidade e de dêixis do sintagma nominal. O DP interno, em contraste, expressaria conceitos ligados à determinação, como (in)definitude, partitividade, etc., mais relacionado às propriedades lexicais do nome-núcleo. Entre esses dois DPs, estariam localizados os adjetivos pré-nominais.

Conforme descrito no começo deste artigo, observamos em línguas românicas os seguintes tipos de adjetivos na anteposição: os quantificacionais; os dêiticos, intensionais ou temporais; os avaliativos; e aqueles que apresentam contrastes de interpretação. De acordo com essa descrição, Laenzlinger propõe que haveria três projeções funcionais para adjetivos pré-nominais: uma relacionada à quantificação; uma à leitura subjetiva, relacionada ao falante; e uma destinada a receber formas fracas, que precisam estar adjacentes ao nome-núcleo. Com relação a esta última, cabe mencionar que adjetivos com mudança clara de significado tipicamente requerem adjacência imediata ao nome. Assim, a configuração final proposta pelo autor para a zona pré-nominal em línguas românicas é aquela reproduzida em (16).



(Modificado de Laenzlinger, 2005, p. 668)

Laenzlinger argumenta que a ordem dessas projeções não é arbitrária, uma vez que adjetivos que realizam algum tipo de quantificação precisariam ter escopo sobre todos os demais, ao passo que adjetivos em WeakP precisariam estar adjacentes a NP, o qual se moveria nas línguas românicas para a posição de especificador do DP interno. Assim, restaria ao adjetivo relacionado à leitura subjetiva a posição intermediária.

O autor assume uma hierarquia nocional nos moldes cinqueanos nas projeções dominadas pelo DP interno. Para ele, os adjetivos pré-nominais na verdade teriam origem nessas projeções, e seriam alçados às posições mais altas para satisfazer propriedades de interface (como quantificação, ênfase ou necessidade de incorporação).

Neste aspecto, discordo de Laenzlinger na medida em que não é apenas a posição do adjetivo que é alterada, mas também sua interpretação. Na perspectiva de *one feature–one head* (Kayne, 2005), seria indesejável que adjetivos mergidos em uma mesma posição (digamos, a SORTP de Svenonius) viessem a apresentar leituras distintas — especialmente considerando que o movimento para as posições pré-nominais teria como objetivo demandas de interface que não necessariamente têm relação com tais mudanças de significado, como é o caso de WeakP, por exemplo. Adicionalmente, uma vez que deixemos de lado a hierarquia fina de Cinque em prol de estruturas mais sintéticas

(como aquela proposta por Svenonius), a motivação para que esses adjetivos fossem gerados em projeções funcionais nocionais e depois se movessem para posições pré-nominais também fica bastante enfraquecida.

5. Compatibilizando propostas

Tomando a proposta de Svenonius (2007, 2008) como uma versão mais empiricamente motivada da intuição abordada em Cinque (2010), podemos agora considerar em que medida é possível compatibilizá-la com as ideias de Laenzlinger (2005), a fim de darmos conta tanto das generalizações com relação à ordem preferencial em inglês quanto do comportamento de adjetivos pré-nominais nas línguas românicas.

As projeções mais baixas propostas por Svenonius — *nP* e *SORTP* — podem ser diretamente incorporadas ao domínio abaixo do DP interno de Laenzlinger, considerando que adjetivos pós-nominais tipicamente contribuem para a construção da referencialidade (e.g., têm leitura preferencialmente restritiva). A projeção de *QuantP*, por sua vez, não encontra equivalente na hierarquia de Svenonius, dado que os adjetivos que figurariam nessa projeção (como os tradicionalmente chamados de intensionais, quantificadores, temporais etc.), por serem, em sua maioria, fortemente pré-nominais (com uso pós-nominal impossível ou bastante marcado), não costumam ser descritos como estando focalizados ou topicalizados, tampouco são intersectivos ou subsectivos. Assim, a questão de compatibilização se coloca com relação a *KiP*, dado que esta hospedaria adjetivos focalizados em seu especificador, e *UNITP*, considerando a presença do DP interno.

5.1. Foco, *KiP* e *SubjP*

Como já anteriormente mencionado, a análise de que adjetivos de avaliação subjetiva em posição pré-nominal seriam focalizados ou topicalizados é relativamente frequente. Dessa forma, é necessário avaliar se há necessidade de duas projeções distintas, *KiP* e *SubjP*, ou se seria mais desejável assumir apenas uma delas.

Em relação a *SubjP*, cujo rótulo a caracteriza a princípio como uma categoria puramente mnemônica, *KiP* apresenta a vantagem de possuir uma contribuição semântica mais definida: a formação de *kinds*. Muitos autores descrevem adjetivos pré-nominais em línguas românicas como modificando subpartes do nome — e.g., sua estrutura de *qualia*, sua função de denotação, entre outros (Nunes-Pemberton, 2000; Bouchard, 2002; Demonte, 2008). Cornilescu e Nicolae (2011, 2016) argumentam que essa interpretação surge do fato de que a maioria dos adjetivos pré-nominais teria acesso apenas a uma interpretação de espécie (*kind*). Vejamos o exemplo.

- (17) a. un **popular** ministru (Romeno)
 um popular ministro
 leitura: ‘um ministro popular enquanto ministro’.

- b. un ministru **popular**
 um ministro popular
 leitura: ‘um ministro popular (por alguma razão)’.
 (Cornilescu; Nicolae, 2016, p. 281)

Em (17a), o adjetivo pré-nominal apresenta apenas a leitura de espécie, i.e., que o ministro é popular *enquanto ministro* (algo descrito também para o português, ainda que em outros termos, por Menuzzi, 1992). Em contrapartida, Cornilescu e Nicolae argumentam que o adjetivo pós-nominal em (17b) pode ser interpretado tanto em relação a uma espécie quanto a um indivíduo; neste caso, a interpretação seria de que o ministro seria *popular enquanto pessoa*. Como esse próprio exemplo já demonstra, um problema para a proposta de Svenonius é que a leitura de espécie parece estar disponível também na posposição nas línguas românicas — em outras palavras, em posições mais baixas que KiP, ou seja, antes de o conceito de espécie ter sido construído.

A fim de tentar salvar a proposta de Svenonius, poderíamos especular que adjetivos focalizados não necessariamente precisam figurar na anteposição, e que as duas leituras possíveis em (17b) adviriam da possibilidade de o adjetivo estar em SORTP ou em KiP. No entanto, outro obstáculo substancial se coloca: alguns adjetivos exclusivamente pós-nominais também exibem apenas leituras de espécie. McNally e Boleda (2004) argumentam que esse seria o caso de adjetivos classificativos/relacionais (18) — que, relembremos, estariam hospedados em *nP* segundo Svenonius.

- (18) una malaltia **pulmonar** (Catalão)
 uma doença pulmonar
 (McNally; Boleda, 2004, p. 181)

Segundo essas autoras, adjetivos classificativos teriam essa interpretação por denotarem propriedades de espécie: ao se combinarem com o nome-núcleo, haveria uma intersecção entre a denotação do nome e do adjetivo, resultando na restrição da espécie do nome a uma subespécie. Nesse sentido, é interessante também observar, conforme apontado por Prim (2015), que adjetivos pré-nominais em português não podem definir subespécies. Em (19a), o adjetivo pré-nominal é interpretado como fazendo referência a toda a espécie, enquanto (19b) apresenta a leitura preferencial de subespécie, i.e., que apenas aqueles dodos que são estúpidos estão em extinção.

- (19) a. O **estúpido** dodo está em extinção. (Português)
 b. O dodo **estúpido** está em extinção.

Portanto, ainda que a posição pré-nominal possa estar de alguma forma correlacionada a uma leitura de espécie, esses exemplos apontam que talvez seja necessário que a leitura de espécie esteja disponível em posições bem mais baixas no domínio nominal. Dessa forma, se fôssemos assumir a existência de KiP, essa projeção precisaria estar mais baixa na árvore, de modo que não seria adequado postulá-la como *locus* de adjetivos pré-nominais ou de movimento para adjetivos focalizados.

Projeções funcionais e modificação adjetival: evidências de línguas românicas

Uma vez assumido que não há KiP ou, ao menos, que não se trata de uma projeção alta, vale a pena novamente nos perguntarmos se há uma projeção de foco específica no domínio nominal que pudesse receber adjetivos focalizados. Caso a resposta seja afirmativa, é preciso avaliarmos se, nesse contexto, SubjP ainda se faz necessário.

O argumento de Svenonius para que adjetivos focalizados estivessem em uma projeção alta estão relacionados à ordem de adjetivos em inglês. Quando um adjetivo é focalizado, ele pode não obedecer à ordem preferencial (20a), figurando em uma posição mais externa em relação ao nome-núcleo que outros adjetivos (20c).

- (20) a. **big** **square** table (Inglês)
 grande quadrado mesa
 ‘mesa quadrada (e) grande’
- b. ***big** **square** table
 grande quadrado mesa
- c. **BIG** **square** table
 grande quadrado mesa
 ‘mesa quadrada GRANDE’
- (Svenonius, 2007, p. 18)

Gostaria de apontar que esse conjunto de dados não é evidência de que haveria uma projeção de foco disponível para adjetivos pré-nominais nas línguas românicas. Em (20c), quando o adjetivo *big* ‘grande’ é focalizado, ele necessariamente passa a exibir uma leitura “empilhada”, com escopo sobre o outro adjetivo e sobre o nome-núcleo: ‘uma mesa que é quadrada que é grande’. Adjetivos pré-nominais nas línguas românicas, em contrapartida, sempre apresentam leitura não restritiva — além de uma diferença de leitura, costumeiramente descrita como tendo um quê de “avaliação”, uma orientação para o falante, que não é inerente à focalização, como (20c) bem demonstra.

A esse ponto, adiciono dados do barese, um dialeto italorromânico do da região de Bari, na Itália. Em barese, adjetivos pré-nominais fazem parte de uma classe fechada. Os únicos itens lexicais verdadeiramente produtivos contemporaneamente são: *bbèlla* ‘bom’, um adjetivo com leitura avaliativa positiva genérica; *bbrùttə* ‘ruim’, com leitura avaliativa negativa genérica; e *bbràvə* ‘bom/afável’, com leitura avaliativa positiva genérica restrita a nomes animados.

- (21) a. **bbèlla** crèstiàñə (Barese)
 boa pessoa
 ‘pessoa querida/agradável’
- b. **bbrùttə** crèstiàñə
 ruim pessoa
 ‘pessoa de caráter duvidoso’

- c. **bbràva** figghiə
 boa filha
 ‘filha amável’
 (Andriani, 2018, p. 240, 242)

Em relação às propostas que sugerem que adjetivos pré-nominais em línguas românicas seriam sempre movidos para essa posição, não parece razoável assumir que o movimento para uma posição de foco seria restrito a ponto de aceitar apenas dois/três itens lexicais.

Outra alternativa seria assumir que esses itens ocupam a posição de WeakP — que, afinal, também parece sempre englobar um conjunto limitado de itens lexicais nas demais línguas românicas (em português, adjetivos como *velho*, *bom*, *mau*, *alto*, *mero*, *simples*, etc.). Nesse sentido, contudo, gostaria de apontar que, a despeito de nem todos os adjetivos em posição pré-nominal apresentarem mudanças evidentes de interpretação como esse conjunto, há semelhanças em termos das leituras possíveis que não parecem ser fruto do acaso, como já observado por vários autores e bem sintetizado por Cinque (2010). Além disso, todos os adjetivos que poderiam figurar em WeakP são avaliativos e semanticamente de grau. Assim, mesmo que haja um processo de gramaticalização em curso, seria razoável supor que ele tenha como origem outra posição disponível em anteposição — uma posição que permite a mesma leitura, fazendo com que certos itens lexicais mais frequentes eventualmente se especializem e passem a exibir essa leitura apenas em anteposição.

Por fim, cabe observar que há outra posição que talvez seja uma candidata melhor para uma projeção relacionada a foco no domínio nominal: a posição acima dos numerais.

- (22) a. os dois **outro** carro **branco** (Português)
 b. os **outros** dois carro **branco**
 (Pereira, 2017, p. 86)

A construção em (22a) exemplifica a ordem default entre numerais e adjetivos em português: tipicamente, numerais (cardinais ou ordinais) antecedem adjetivos. No entanto, como o fragmento em (22b) mostra, é possível que adjetivos figurem em uma posição acima do numeral, numa posição marcada que julgo mais compatível com uma leitura de focalização.

Em síntese, em face dos dados expostos nesta seção, não vejo ganho teórico evidente em assumir que adjetivos com leitura subjetiva/orientados para o falante sejam estejam focalizados. Entendo que foco (ou tópico) não é suficiente como explicação para a interpretação desses itens nessa posição. Além disso, dada a natureza marcada da posição que antecede o numeral, acredito que ela seja uma melhor candidata a instanciar uma posição relacionada à estrutura informacional. Assim, ao menos por ora, assumo que haja uma posição de SubjP na zona entre os determinantes.

5.2. DP interno, UNITP e NumP

Há uma semelhança notável entre UNITP e a projeção de Número, NumP, que tem sido mais comumente proposta na literatura como uma posição intermediária entre o NP e o DP (Augusto; Ferrari Neto; Corrêa, 2006; Pereira, 2017; Quadros Gomes; Sudré, 2020); na realidade, o próprio Svenonius aponta que seu UNITP é equivalente à projeção de Número originalmente sugerida por Anna Szabolcsi. Nesse sentido, considerando que NumP já foi sugerida como uma espécie de fronteira interna no DP, vale a pena darmos um passo atrás e nos perguntarmos se há possibilidade de que UNITP e o DP interno sejam a mesma projeção.

Na proposta de Svenonius (2007, 2008), UNITP constitui a fronteira da modificação adjetival: a princípio, essa projeção não hospedaria adjetivos, apenas classificadores de número. Dada a distribuição sintática entre esses classificadores e numerais, o autor assume que a projeção em que numerais figurariam (distinta de UNITP) estaria acima de UNITP. Como descrito em (22), numerais tipicamente antecedem adjetivos pré-nominais, inclusive os categorizados como quantificadores/intensionais. Dessa forma, tomando a proposta de Laenzlinger (2005) tal como posta, UNITP estaria posicionada acima de QuantP e abaixo do DP externo.

Notemos que essa linha de raciocínio assume que haveria necessidade de uma relação relativamente local entre UNITP e a projeção que hospeda os numerais. As propostas na literatura variam nesse sentido: algumas sugerem que o numeral ocuparia a projeção de especificador de NumP (ou UNITP), enquanto outras assumem que haveria uma projeção distinta para hospedar os numerais (como prefere Svenonius). Em termos conceituais, é evidente que numerais só poderiam ser mergidos depois que número já tivesse sido projetado, dado que só então operações de contagem poderiam ser realizadas. A questão que se coloca, assim, é quanto material existe (se houver) entre NumP e a projeção que hospedaria os numerais.

Uma evidência linguística já foi apresentada nesse sentido: classificadores de número acompanham numerais, frequentemente figurando em posições adjacentes a eles. Dessa forma, se Svenonius estiver certo em separar as projeções que hospedam classificadores de número e numerais, essa seria uma evidência forte de que NumP é distinta do DP interno, dado que os numerais aparecem em posições mais altas que adjetivos pré-nominais.

A análise de Pereira (2017) com relação à distribuição do morfema de plural em uma variedade não padrão do português brasileiro também indica a posição hierarquicamente mais alta de NumP. Observemos novamente o exemplo (22), reproduzido em (23) para fins de discussão:

- (23) a. os dois **outro** carro **branco** (Português)
 b. os **outros** dois carro **branco**
 (Pereira, 2017, p. 86)

Pereira propõe que NumP dividiria o DP em dois domínios: constituintes acima de NumP receberiam marcas de plural, enquanto aqueles abaixo não exibiriam marcas de número. O numeral

cardinal (ou um nome silencioso) ocuparia a posição de especificador de NumP, servindo assim como uma espécie de fronteira visível com relação à distribuição do morfema de plural. Em (23a), observamos que todos os adjetivos figuram abaixo do numeral cardinal; por isso, nenhum deles recebe o morfema de plural. Em (23b), por outro lado, com o possível movimento de *outros* para uma posição acima do numeral, o adjetivo passa a exibir a concordância de número. Se a proposta de Pereira estiver correta, temos mais uma evidência de que o DP interno e NumP não são projeções equivalentes, uma vez que, conforme já descrito, a posição default de adjetivos pré-nominais é à direita (em termos lineares) dos numerais.

5.3. Estrutura e interpretação de adjetivos em posição pré-nominal

Apesar de também assumirem a estrutura de DP cindido proposta por Laenzlinger (2005), Cornilescu e Nicolae (2011, 2016) propõem que alguns adjetivos pré-nominais estariam abaixo do DP interno (os intensionais e aqueles com mudança clara de interpretação), enquanto outros estariam entre o DP interno e o externo (aqueles com leitura orientada para o falante). Como esses autores assumem que numerais estariam abaixo do DP interno, os únicos adjetivos que estariam entre as duas projeções de determinante seriam aqueles que são linearizados à esquerda dos numerais.

Os autores trazem alguns argumentos instigantes em relação à possibilidade de uso de adjetivos pré-nominais em contextos genéricos; contudo, devido a restrição de espaço, não discutirei esses dados aqui (para uma discussão algo similar, conferir Prim, 2015). Por ora, gostaria de discordar da análise proposta por Cornilescu e Nicolae em termos conceituais, uma vez que entendo que ela nos levaria a perder um dos aspectos mais interessantes da proposta de Laenzlinger: a possibilidade de explicar a interpretação de adjetivos pré-nominais em termos da configuração do DP.

Um aspecto não abordado diretamente por Cornilescu e Nicolae é que adjetivos pré-nominais em línguas românicas são sempre adjetivos de grau (como observado por Quadros Gomes; Sudré, 2020) ou predicados de (ao menos) dois lugares (como descrito por Menuzzi, 1992); os autores apontam que adjetivos pré-nominais sempre envolvem algum tipo de quantificação, mas a explicação é feita de um modo um tanto vago, e não é evidente como a interpretação distinta de adjetivos pré-nominais se segue de seu caráter quantificacional.

Seguindo Quadros Gomes e Sudré (2020), entendo que a interpretação pré-nominal é derivada da interação entre a estrutura semântica do adjetivo e a posição sintática em que se encontra; em outras palavras, dada a forma pela qual o adjetivo satura seus argumentos. Adjetivos de grau mergidos abaixo do DP interno poderiam buscar seu padrão de comparação livremente no contexto, dando origem a leituras intersectivas ou subseptivas; no entanto, quando mergidos acima do DP interno, como o referente já está determinado, o padrão de comparação é obrigatoriamente interpretado em relação a ele. Em (24), por exemplo, como *alto* não pode vasculhar o contexto para determinar um padrão de comparação, ele identifica um padrão interno ao próprio nome (ou, mais especificamente, ao DP interno).

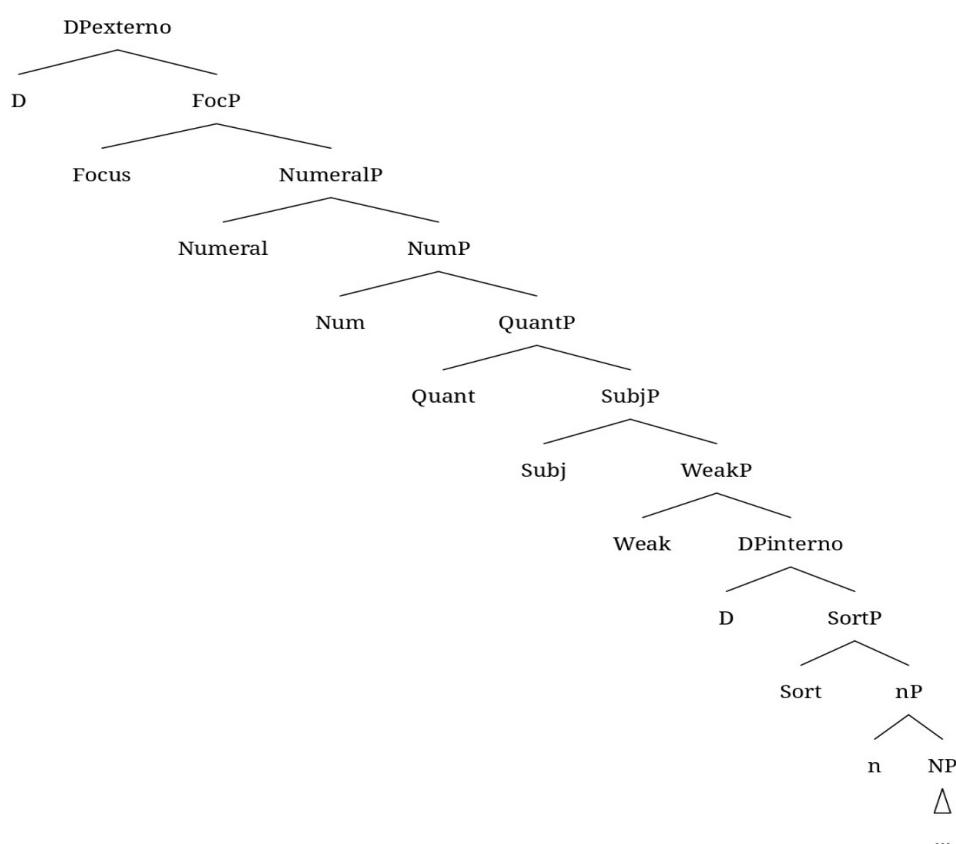
- (24) um **alto** funcionário (Português)

Essa configuração seria responsável pela interpretação comumente citada na literatura de que adjetivos pré-nominais em línguas românicas modificam “subpartes” do nome, assim como pela impossibilidade de adjetivos pré-nominais denotarem subespécies: uma vez que o referente já está determinado, não é mais possível alterar sua extensão.

Uma linha de raciocínio similar é desenvolvida por Trustwell (2004) com relação a adjetivos pré-nominais focalizados em francês no quadro teórico da Semântica de Alternativas. O autor propõe que a leitura não restritiva padrão desses adjetivos seria resultado de todos os membros do conjunto de alternativas denotarem subespécies da espécie denotada pelo NP. Adjetivos só poderiam se mover para a posição de foco pré-nominal se as (sub)espécies no conjunto de alternativas fossem exatamente as mesmas da espécie que foi construída no domínio nominal ao longo da derivação. Dessa forma, adjetivos pré-nominais, mesmo os focalizados, não interfeririam na construção da referencialidade — ou melhor: teriam como requerimento serem compatíveis com o referente determinado pelo DP interno.

A representação arbórea em (25) delineia a síntese das discussões empreendidas neste artigo. Abaixo de *nP*, estariam os adjetivos classificativos. O especificador de *nP* receberia adjetivos intersectivos, enquanto *SORTP* seria compatível com adjetivos subsectivos (de grau); no DP interno, seria realizada a expressão de definitude, especificidade, etc. Entre o DP interno e o DP externo, teríamos as projeções destinadas aos adjetivos pré-nominais, *NumP* (equivalente a *UNITP*), possivelmente uma projeção distinta destinada aos numerais e uma posição de foco em potencial.

(25)



Considerações finais

Neste artigo, busquei explorar algumas propostas acerca da sintaxe de adjetivos atributivos, utilizando dados em especial das línguas românicas para avaliar sua adequação descritiva. Concluo defendendo que a proposta de Laenzlinger (2005) de um DP cindido nos fornece uma mecânica interessante para que compreendamos a interpretação de adjetivos pré-nominais: por serem mergidos acima do DP interno, esses adjetivos são interpretados unicamente com base no referente construído ao longo da derivação, sem terem acesso ao contexto para saturarem seus argumentos.

Restam, contudo, algumas questões que demandam estudos futuros. Assim como Svenonius (2005) encontrou motivação independente para as projeções de *nP* e *SORTP*, entendo ser necessário que o mesmo seja feito com as projeções dedicadas aos adjetivos pré-nominais: ainda que os rótulos temporários sejam úteis para fins de descrição, conceitualmente considero problemático supor que haja uma projeção destinada a receber adjetivos “fracos” que requerem incorporação ao nome, bem como a projeção rotulada mnemonicamente de *SubjP*. Adicionalmente, é preciso identificar marcadores mais claros de foco e tópico no domínio nominal, assim como explorar a relação entre adjetivos, numerais e outros elementos da zona pré-nominal no DP, de modo que seja possível fundamentar a hierarquia de projeções de forma mais robusta.

Referências

- ABELS, Klaus; NEELEMAN, Ad. Linear asymmetries and the LCA. *Syntax*, v. 15, n. 1, pp. 25-74, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9612.2011.00163.x>.
- ANDRIANI, Luigi. Adjectival Positions in Barese: Prenominal Exceptions to the Postnominal Rule. In: D’ALESSANDRO, Roberta; PESCARINI, Diego (ed.). *Advances in Italian Diactology: Sketches of Italo-Romance Grammars*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2018. pp. 214-249.
- AUGUSTO, Marina R.; FERRARI NETO, José; CORRÊA, Letícia. Explorando o DP: a presença de *NumP*. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, n. 14, v. 2, p. 245-275, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.14.2.245-275>.
- BOFF, Alvana. *A Posição dos Adjetivos no Interior no Síntagma Nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica*. 1991. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — IEL, UNICAMP, Campinas, 1991.
- BORGES NETO, José. *Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.
- BOUCHARD, Denis. *Adjectives, number and interfaces: why languages vary*. Amsterdam: Elsevier North-Holland, 2002.
- CINQUE, Guglielmo. *The Syntax of Adjectives: a Comparative Study*. Cambridge: MIT Press, 2010.
- CORNILESCU, Alexandra; NICOLAE, Alexandru. Nominal Peripheries and Phrase Structure in the Romanian DP. *RRL*, v. 56, n. 1, pp. 35-68, 2011. Disponível em: <http://www.lingv.ro/RRL%201%202011%20art03Cornilescu,%20Nicolae.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2024.

Projeções funcionais e modificação adjetival: evidências de línguas românicas

CORNILESCU, Alexandra; NICOLAE, Alexandru. Romanian adjectives at the syntax-semantics interface. *Acta Linguistica Hungarica*, v. 63, n. 2, p. 197-240, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26191798>. Acesso em: 16 ago. 2024.

DEMONTE, Violeta. Meaning-form correlations and adjective position in Spanish. In: MCNALLY, Louise; KENNEDY, Christopher (ed.). *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FOLTRAN, Maria José; DE CONTO, Luana; DESCHAMPS, Thais. Adjetivos: Classificações e problemas de pesquisa. In: QUADROS GOMES, Ana Paula; TESCARI NETO, Aquiles (org.). *A interface sintaxe-semântica: adjetivos e advérbios numa perspectiva formal*. Campinas, SP: Pontes, 2020. pp. 203-230.

KAYNE, Richard. *The antisymmetry of Syntax*. Cambridge (MA.): MIT Press, 1994.

KAYNE, Richard. *Movement and Silence*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

KOTOWSKI, Sven. *Adjectival modification and order restrictions: the influence of temporariness on prenominal word order*. Berlin: De Gruyter, 2016.

LAENZLINGER, Christopher French adjective ordering: perspectives on DP-internal movement types. *Lingua*, v. 115, pp. 645-689, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2003.11.003>.

MCNALLY, Louise; BOLEDA, Gemma. Relational adjectives as properties of kinds. In: COLLOQUE DE SYNTAXE ET SÉMANTIQUE À PARIS, 5, 2003, Paris. BONAMI, Olivier; CABREDO HOFHERR, Patricia (ed.). *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics 5*. [S. l.]: [s. n.], 2004. pp. 179-196. Disponível em: http://www.cssp.cnrs.fr/eiss5/index_en.html. Acesso em: 16 ago. 2024.

MENUZZI, Sérgio. *Sobre a Modificação Adjetival do Português: uma teoria da projeção dos adjetivos*. 1992. 194 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.

NUNES-PEMBERTON, Gelza. M. *Os adjetivos antepostos do Português Falado no Brasil*. 2000. 94f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FFLCH, USP, São Paulo, 2000.

PEREIRA, Bruna Karla. The DP-Internal Distribution of the Plural Morpheme in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 81, pp. 85-104, 2017.

PRIM, Cristina de Souza. *A sintaxe dos adjetivos em Português Brasileiro*. 2015. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2015.

QUADROS GOMES, Ana Paula; SUDRÉ, Tatiana Gonçalves. A posição do adjetivo em Português Brasileiro (PB) na Interface Sintaxe-Semântica. In: QUADRO GOMES, Ana Paula; TESCARI NETO, Aquiles (org.). *A interface sintaxe-semântica: adjetivos e advérbios numa perspectiva formal*. Campinas, SP: Pontes, 2020. pp. 41-74.

SPROAT, Richard; SHIH, Chilin. The cross-linguistic distribution of adjective ordering restrictions. In: GEORGOPoulos, Carol; ISHIHARA, Roberta (ed.). *Interdisciplinary approaches to language – Essays in honor of S. Y. Kuroda*. Dordrecht: Springer, 1991. pp. 565-593.

SVENONIUS, Peter. *The Position of Adjectives and other Phrasal Modifiers in the Decomposition of DP*. [S. l.]: [s.n.], 2007. Disponível em: <https://ling.auf.net/lingbuzz/000329>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SVENONIUS, Peter. Adjective position in the decomposition of DP. In: MCNALLY, Louise; KENNEDY, Christopher (ed.). *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2008. pp. 16-42.

TRUSWELL, Robert. *Attributive adjectives and the nominals they modify*. 2004. 110 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Geral e Filologia Comparativa) — Universidade de Oxford, Oxford, 2014.

TRUSWELL, Robert. Attributive adjectives and nominal templates. *Linguistic Inquiry*, v. 40, pp. 525-533, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1162/ling.2009.40.3.525>.

ZAMPARELLI, Rob. *Layers in the Determiner Phrase*. New York: Routledge, 2000.